



# ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

# ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

KARIRI-XOCÓ

Patrocínio



Apoio



Projeto: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Idéia e Direção: Sebastián Gerlic

Coordenação Geral: Águia Dourada - Lymbo

Projeto Gráfico : Luis Henrique, Cris Fraga e Alix.

Produtor Gráfico: Cláudio

Montagem da Exposição: Naum Bandeira

Revisão de Texto e Consultoria : Derval Gramacho

Produção: Márcia Cardim / Eneida Rebouças

Administração Financeira: Prol Projetos.

Águia Dourada (71) 378-0412 / (71) 288-0057

[www.visaodosindios.hpg.com.br](http://www.visaodosindios.hpg.com.br)

[visaodosindios@ieg.com.br](mailto:visaodosindios@ieg.com.br)

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

---

KARIRI-XOCÓ



Este livro vale porque as pessoas sabendo da vida do índio vão ficar interessadas e vão querer ajudar, eles vão se interessar porque eles vão parar e pensar na vida, observando nossa vida. Se nos conhecem mais vão passar a respeitar mais nosso conhecimento e parar com o preconceito.

Swyrany Suira - 16 anos

Este livro nasce da vontade de ver um mundo melhor, de acreditar que todos temos muito que aprender de todos, de muitos guerreiros que lutam para mostrar uma realidade e viver nela.

Sebastián Gerlic.

A vida Indígena tem uma rotina que busca sobreviver dos recursos naturais sem perder sua essência.

Índios na visão dos índios é uma forma de ver um ao outro, ver a criança que há em cada um, que sobrevive, acima de tudo e de todos.

Vamos juntos caminhar com consciência, com sensibilidade de aprender e acreditar nas coisas mais simples, no renascimento do amor, do carinho, da irmandade e da energia que faz com que cada um se sintam ser humano.

LYMBO



QUEM DESRESPEITA O ÍNDIO É QUEM NÃO O CONHECE.

PAJÉ SUKA



Durante 5 dias os jovens índios Kariri-Xocó, valendo-se de câmeras fotográficas, um gravador, papel, canetas e principal e fundamentalmente do coração, decidiram contar sua história, ser antropólogos de suas vidas, jornalistas da realidade e ter coragem de estar nus para uma sociedade cheia de roupas, este livro é mostra disso. É o primeiro volume da coleção "Índios na visão dos Índios".



O reflexo da natureza é ela mesma, pois consegue mostrar seu brilho nos poucos espaços que lhe favorece, dando vida à vida e fazendo-nos refletir sobre ela, buscando assim a consciência de um amanhã.

LYMBO





## DOIS IRMÃOS EM UM MUNDO

Nascem dois irmãos na mesma hora. Os dois crescem juntos. Um presta atenção em todos acontecimentos e fatos da tradição tribal, aprendendo e o outro não.

Os dois crescem e se distanciam. Um fica na tribo e o outro vai embora. Depois de muitos anos aquele que foi embora sente saudade e retorna. O que ficou também quer conhecer o mundo de fora; então cada um vai ensinar a outro:

- Me ensina como é o mundo de fora?
- Me ensina como é o mundo de dentro?

Então vai ter uma grande troca de conhecimento. Mesmo aquele que nasceu na tribo, não sabendo da tribo aprendeu coisas que a tribo vai precisar.

Todos os povos da terra foram criados e são necessários, senão, não teriam sido criados.

Guardião da História Kariri-Xocó  
Povos Indígenas do Baixo São Francisco

NHENETY





# UM POUCO DA HISTÓRIA

Muito tempo atrás éramos nômades. A cada quatro invernos saíam os guerreiros para procurar o novo lugar para morar. Quando a caça se fazia difícil o grande conselho se reunia e dizia: “Daqui a quatro Luas vamos sair daqui”.

Então nesse período eles arrancavam mandioca e guardavam sua farinha, tiravam o milho e armazenavam alguns grãos, guardavam feijão e vários tipos de sementes preparando-se para a viagem.

Na Quarta Lua se fazia um ritual, onde no final os índios pegavam seus pertences: potes, sementes... e desciam para o rio, colocavam tudo nas canoas e partiam. Os guerreiros que tinham achado o novo lugar iam na frente mostrando o caminho, no centro iam os idosos e as crianças rodeados de outros guerreiros.

Assim foi acontecendo geração após geração até chegar aqui em Porto Real do Colégio (Alagoas). Foi em 1578 que eles desceram e rapidamente retornaram e disseram para o conselho: “Não podemos mais subir nem descer porque a ‘civilização’ vem aí arrasando com tudo, então vamos ficar aqui mesmo”.

Um tempo depois chegaram os Bandeirantes e os Jesuítas. Eles queriam nos catequizar e nós guerreamos muito. Muitos foram massacrados e os sobreviventes Kariris foram aldeados ao redor de uma capela.



Depois, muitos sobreviventes de outras tribos foram chegando: Karapotô, Akonã... e logo em seguida vieram os Xocó e os Nantu e mais tarde os Xucuru e os Pancararu, assim se formava em COLÉGIO uma multicultural que passou a denominar-se KARIRI-XOCÓ.

Os brancos nos obrigaram a lutar contra os negros nos QUILOMBOS nos últimos anos do século XVII. Daí nosso povo começou a se misturar com negros e com europeus.

Fomos muito usados pelos brancos para acabar rebeliões. Inclusive, nos fizeram lutar contra outras tribos. Lutamos na guerra contra Holanda (1630), contra a Argentina (1825), contra Paraguai (1865).

Por exemplo, o meu avô só porque não quis vender a sua colheita de roça para o superintendente foi colocado na lista para ir na Primeira Guerra Mundial e meu tio chegou a participar da Segunda Guerra Mundial.

Nós índios KARIRI-XOCÓ também participamos da Independência do Brasil, e de todas as fases da história deste país.



Fomos chamados de Índios até 1798, quando foi fundada a Diretoria dos Índios, começando assim os critérios de discriminação. Passaram a nos chamar de Caboclos. Os Jesuítas tinham nos obrigado a morar ao redor da Igreja, mas os colonizadores chegando diziam: “Índios saiam daqui, quem vai morar aqui é a classe alta”. Afastaram-nos da Missão e nos reduziram a morar numa rua estreita.

Em 1873, foram declaradas extintas todas as aldeias de Alagoas - Foram Extintas as Terras mas não os Índios. Não tinha mais aldeia. Morávamos numa rua. Desde Julho de 1876 a rua foi chamada de Rua dos Caboclos até 1944 quando passou a se chamar Rua dos Índios até 1978, ano em que saímos da rua e recuperamos parte de nossas terras. Ocupamos à força a Fazenda Modelo, hoje conhecida como Sementeira. A rua hoje leva o nome de São Vicente.

Então deste processo político, histórico e social temos em Kariri-Xocó uma nova etnia, uma tribo de pessoas que resistem, de guerreiros adaptados que sabem preservar sua sabedoria e também trocar com outras sabedorias.

NHENETY





# A PALAVRA DOS JOVENS ÍNDIOS



Tawanã (13 anos): A gente antes de pescar faz um círculo e pede para ter peixe e quando nós pescamos ficamos muito alegres de ter o alimento. Nós não queremos muita riqueza, queremos nossas coisas simples, o índio tem que ser direitinho, honesto. Ser índio, para mim, é muito importante.

→ TAWANÃ

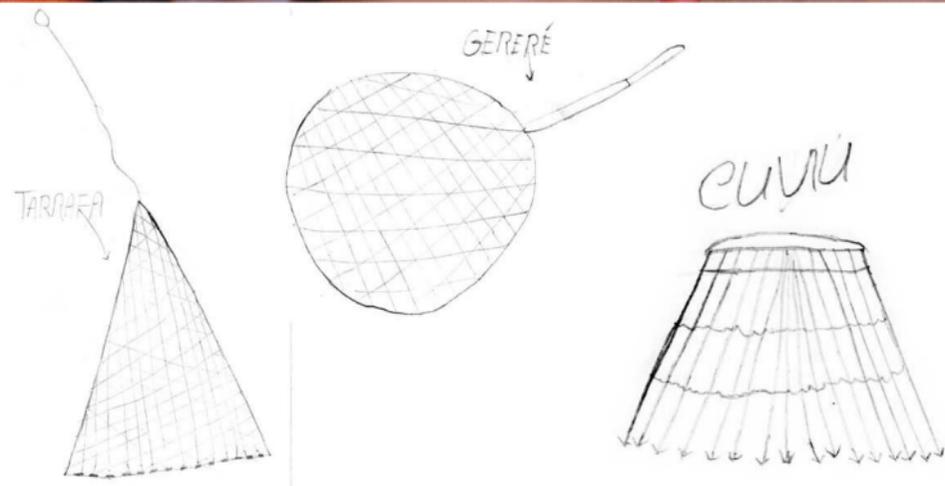
→ KAREN

→ REGIANE



Karen (10 anos): Para sobreviver aqui é difícil. Tem que suar. Para comer, temos que pegar um peixe. Fazer o sacrifício de ir à lagoa, que é um perigo, porque podemos pegar germes, porque tem os porcos e daí podemos ficar doentes. Temos que passar por arames e podem levar cortes e a gente tem essa obrigação, senão, não tem o que comer. A gente sofre muito para ter o que comer... é uma enxada para fazer roça, fazer tijolos, pote, é pescar, é caçar, é tatu, teiú, peba, preá, mussu, camaleão, raposa...

Swyrany (16 anos): Antigamente tinha muito peixe. A gente pescava de mão, com Cuvu (ferramenta de paus), com Tarrafa (rede), com Jereré (espécie de rede com aro). Agora não tem mais como pescar, o peixe ficou lá em cima, preso nas barragens (represas: Sobradinho, Três Marias e Xingó). A gente tinha dois tanques de peixe e hoje não tem mais por falta de água. Antes não tínhamos que fazer nenhum esforço para trabalhar, agora temos que se esforçar muito porque não tem mais a vagem. Agora está tudo parado. O rio está secando e não está tendo água suficiente para fazer a plantação. De repente eles querem vender o rio, tudo bem que tem pessoas necessitadas, mas e a gente aqui? Aqui era cheio d'água, muito peixe e hoje não tem nada!



Karen: A gente acorda de manhãzinha, abre o armário e não tem nada, e vai para cidade e vê muitas coisas, mas não pode comprar porque não tem dinheiro... A minha cabeça sempre fala, não perca as esperanças, porque algum dia você pode ser quem você é, porque tantos cantores que foram pobres, hoje vivem bem, só cantando... Os pais da gente se sentem culpados porque não podem dar o que nós merecemos. Mas quando nós temos o que comer a gente se sente muito feliz.

Regiane: Se você acordar e não tiver nada... sem café, sem açúcar, sem pão, o que vocês fariam? Tudo né? Arrisca a vida, faz tudo!



Karen: Quando a gente fica doente não sabemos do que é, pode ser da água que a gente bebe no rio... mas para não ver as nossas mães sofrendo em casa a gente sai para pegar um peixe ou vender um pote... e quando a gente pega uma coisa é uma alegria. Todos os índios são iguais, cada um se vira de um jeito. O índio não é preguiçoso, ele acorda cedinho e vai para a roça plantar milho, feijão... O índio é trabalhador. O índio faz tudo para dar de comer a seus filhos.



Regiane: Eu vejo assim, minha mãe já sofreu para eu nascer, então, o que eu posso fazer eu faço. Trabalho e tenho dor nas costas, mas por minha mãe faço tudo.



Karen: Quando chega no aniversário da gente, dá vontade... Um dia, eu peguei farinha, só para brincadeira, e as meninas fizeram bolo de farinha e fomos comemorar... Eu chorei muito porque não teve meu aniversário. Quando chega seu dia, você quer um presente de sua mãe, de seu pai, um beijo, um abraço, alguém que diga feliz aniversário... Nós índios temos que pensar tudo e às vezes não tem nada e eu choro por isso.

Regiane: Aqui a educação é muito devagar. Aqui a gente não estuda particular.

Karen: Quando vejo televisão fico pensando, esses ricos desprezam tanta comida, eles jogam comida fora e a gente precisando. Mas a riqueza não é tudo, quando a gente ama, ama. Eu quero um homem que trabalhe, que seja honesto, não quero que me dê riqueza, quero que me dê amor. Eu vejo meu pai chorar, vejo quanto a gente sofre e peço a Deus e tenho a esperança que um dia me ajude, pode ser hoje ou amanhã.



Karen: Nós já sofremos muito, levamos guerras e guerras, mas nós temos que demonstrar o que a gente é, o que a gente pensa, o que a gente pensa. Tem pessoas que por nos ver de chinelo ou de tênis acha que a gente não é índio. Aqui a gente se sente muito desprezado.

Swyrany: Ser índio para mim é uma coisa muito importante porque eu tenho orgulho de ser índia. O índio é uma pessoa que não mexe com ninguém, mas se alguém mexer com ele, aí não vai só ele, vão todos. Nós somos unidos, é o mesmo sangue correndo nas veias, um se dói pelo outro... sabendo fazer amizade com o índio ele é uma ótima pessoa.

Deus está sempre com nós todos, tanto com índio como com branco, se você tem fé ele está com você, o mesmo amor que tem por você tem por mim também. Aqui nós ficamos calmos, temos nossa Xanduca (cachimbo com fumo de corda). Fumar é uma proteção e uma forma de conversar com Deus e fazer nossos pedidos, temos os velhos que rezam, temos nosso ritual...

SWYRANY ←





Regiane (13 anos): Os que tem emprego sofrem muito e os que não têm? Sofrem ainda mais.

Karen: A gente sai para trocar pote por feijão ou farinha. Quando consegue é uma alegria.

Swyrany: Os homens vão para roça ou vão fazer artesanato, porque agora estamos vivendo assim, vendendo artesanato. A mulher fica em casa cuidando das crianças, da comida. Se o homem traz uma caça ou um peixe ela trata. As crianças brincam com areia, com mato e com bandas de tijolos como se fossem bonecas.

Regiane: Mas não é fácil, tem que sair no Sertão, tem que atravessar o rio, pegar lancha, que pode virar e nós podemos morrer, porque vai muita gente, vai mais da conta e fica perigoso... E nós vendemos pote por 2 ou 3 reais. A gente vai descalço, no sol quente, dá dor de cabeça.



Karen: Os índios viviam aqui primeiro. Eles invadiram as nossas terras. Os índios viviam do seu jeito. Agora o índio é muito diferente. Quando Cabral chegou aqui os índios não tinham casa assim, tinham de palha de coqueiro... e agora eles querem vender o rio, nós vamos ficar como? Sem água?

Swyrany: O homem que vive na cidade acorda cedo só pensando em trabalhar, se preocupa muito com trabalho, chega em casa tarde. O índio, não. O índio é diferente. Eles têm que aprender que precisa descansar um pouco a cabeça, não pode só pensar em trabalho, tem que pensar na saúde, senão fica doente. Se as pessoas nos conhecem melhor vão passar a respeitar mais nosso conhecimento e parar com o preconceito. Observando a vida do índio elas vão parar e pensar também nas suas próprias vidas. Aqui as pessoas idosas sempre têm o filho ou tio ou primo ou alguém para tomar conta e as crianças que não tem pais nós também tomamos conta. Dentro da aldeia não tem polícia, aqui nós temos nossas autoridades: o pajé, o cacique... mas ainda tem muito fazendeiro morando na nossa área que atrapalha, que não respeita nosso ritual, nossos costumes, que procura briga, que bebe cachaça e tudo isso prejudica nossa vida.







## ARTESANATO

Os artesanatos são as artes que os índios costumam fazer e hoje saem para vender, para ter seu dinheiro. Os artesanatos são coisas que nós fazemos para criar os objetos. Os artesanatos são colar, pulseira, presilha, maraca, chocalho... Os índios criam suas próprias coisas que eles precisam. Os artesanatos dos índios são criados por eles mesmos que fazem seus próprios projetos lutando para poder ser alguém.

IRANY





“Vejam só meus parentes que, apesar de toda pressão de forçar-nos a aprender uma nova educação, nunca deixamos a nossa tradição, tradição que corre nas veias do nosso coração.”

Swyrany





O ÍNDIO É SEMENTE DA TERRA

PAJÉ SUIRA



## O PAJÉ

Eu sou o Pajé Suira da Tribo Kariri-Xocó: A função de um pajé é simples e difícil. Antigamente conhecido como feiticeiro, não é feiticeiro é o curandeiro da tribo.

A função dele é mais pela área espiritual. Tem cacique, tem conselheiros, existem outras autoridades na tribo mas a autoridade máxima é o pajé. Todas as autoridades e a comunidade devem ser obedientes a ele nessa área. É a área mais forte nas aldeias que conservam sua origem espiritual. Nem todo mundo pode ser um pajé, porque o pajé já nasce feito, é um Dom. Antes de eu assumir tive que pegar com meu pai mais orientação. Para qualquer uma pessoa, da aldeia ou de fora, posso fazer a cura. Dentro de minhas possibilidades eu ajudo, não precisa alguém pedir, está dentro de minha obrigação, meu dever. Por onde eu ando sempre tenho que levar o meu dever. Me considero como um pai e o pai tem que garantir os filhos. Quando viajo posso estar longe materialmente, mas espiritualmente estou bem pertinho, estou de olhos, tenho minha concentração e minha visão.

Aquele que sai da tribo é bom se depois ele traz o conhecimento.

O Oricuri (ritual Kariri-Xocó) ninguém faz. Ele já nasceu feito. Nosso dever é só cumprir a regra. Lá nós não vamos a um divertimento, nós não vamos para uma festa, nós vamos nos disciplinar. É onde nós vamos apanhar a energia positiva, lá vamos nos purificar, limpar da má energia que apanhamos no meio da civilização, lá já é limpo por natureza.

Hoje nós somos índios e brancos, nossos antepassados só se conheciam a si próprios e por isso foram massacrados.

PAJÉ SUIRA



# ORICURI

Temos uma outra aldeia que é o nosso “Oricuri”, que é na mata, essa mata tem importância para nós, pois sem ela não poderíamos manter nossa religião e nossos rituais, lá podemos nos reunir e descansar, debater assunto que só a nós interessa, é onde buscamos nossas ervas medicinais, que usamos para curar doenças conhecidas e misteriosas.

Como poderíamos manter nossa religião sem nossa mata, onde tem os encantos e mistérios que só nos temos o prazer de compartilhar com nossos irmãos indígenas, hoje Kariri-Xocó?

... muitos e muitos anos atrás os povos indígenas mantinham os seus costumes o seu idioma e a sua religião. Nesse tempo antes da nossa mata ser explorada por eles (os brancos), nós tínhamos como caçar, pescar, viver trajados com roupas e pinturas, depois fomos perdendo o nosso valor, os brancos sempre com direitos e tirando as nossas terras, depois fundaram a escola dos jesuítas para catequisar os indígenas fazendo com que aprendêssemos a falar o português, depois até nos proibiram falar nossa língua...



KETÇI

# TORÉ

Toré são cantos sagrados que desenvolvem nos índios o amor, a união e a força para sustentar sua cultura, envolvendo as artes da natureza, dos animais e plantas, o vento, a terra, o fogo e as águas. O Toré é puxado por um mestre de canto e os outros índios respondem, no momento necessitado. O Toré é celebração, um ritual de integração entre os sentimentos indígenas e a Mãe Natureza, buscando a conexão com a energia divina.

As danças são feitas em círculo, geralmente ao redor de uma fogueira que é a forma da oração coletiva, por momentos de mãos dadas e por outros soltos. O Toré é uma das formas básicas que mantém viva a cultura, como uma chama. Quando cantado as pessoas reavivam sua chama interior, unificando seus espíritos em um só. Une homens e mulheres, crianças e idosos, formando o equilíbrio de sustentação de um corpo coletivo: a tribo.

Os cantos são infinitos, estão sempre se criando novos, guiados pela inspiração. A partir do som da Maraca os índios revivem seus ancestrais.

A Xanduca (cachimbo com tabaco), que é a forma de oração individual, solta as fumaças levando os agradecimentos e os pedidos.

Muitos Torés hoje são cantados em idioma nativo e também em português. Os índios foram proibidos de falar sua língua e para sobreviver deixaram de ensiná-la a seus filhos. Hoje os cantos servem para resgatar a língua nativa e conscientizar o povo de seus costumes e crenças.



O Cocar é nossa casa  
A Maraca meu coração  
O pajé é o instrumento  
Que nos fez por união  
Nós somos os guerreiros  
De batalhas e confissão  
Ôô rêia rêia ,rêia rôua  
Ô rêia rêiaá rêia ráa.

Arpuan ebateá  
Buibú si  
Bidzamu torá  
So-de Tupã necã  
K,ytumancê cropobó  
Aiby teudokié ipabó  
Ô reia reiaá rea rôua  
Ôô reia reia-á reia-rá



LYMBO



O Toré, para gente é uma dança sagrada, faz parte da nossa religião porque através dele a gente mostra a nossa origem. Para eles, não tem festa, a festa deles é o Toré, que é a sua tradição.

O Toré reúne todos os índios. Os índios são uma família completa e assim é nossa tradição.

IRANY







## REFLEXÕES

Hoje, nós queremos ensinar ao 'branco' a AMAR A NATUREZA, proteger o ambiente, conversar com os animais, não extinguir espécies, tirar da natureza só aquilo que precisa; como também a AMAR A SUA FAMÍLIA, respeitar os idosos e as crianças, viver com todos como irmãos. Eu tenho sentido os 'brancos' com muito interesse em aprender esta harmonia.

Em uma sociedade indígena cada pessoa da comunidade tem uma função, desde o cacique e os conselheiros até o pescador, o caçador, o farejador, o ceramista. Mesmo o fabricante de arco, que não necessariamente é o melhor atirador, como nem sempre o melhor coletor de ervas do mato é quem necessariamente melhor sabe fazer os remédios... Assim cada um tem uma função. Ao contrário do modelo social capitalista, onde poucos têm função e os pobres são desprezados. Para nós uma criança que sobe muito bem nas árvores tem um doutorado naquela atividade e cada atividade do povo é importante. Quando se perde alguém que não repassou para outro sua sabedoria é uma grande perda para toda a comunidade. Só se é índio em grupo. Todos juntos formam este corpo que é o Grande Índio. Quando falta alguém é como a falta de um órgão para o corpo, um corpo sem uma mão é um corpo incompleto. Hoje, na sociedade de vocês, não existe corpo, existem várias cabeças. São muitas siglas, secretarias, ministérios, associações... Mas se todos honrassem sua função cumprindo a lei, o Brasil seria um país altamente desenvolvido. E este problema não é só nacional, é global.





Hoje se fala de desenvolvimento, mas parece que se refere só à matéria, esquecendo o social, o cultural, o ambiental e o espiritual; os políticos e os cientistas só enxergam o ponto de vista econômico e tecnológico. Desenvolvimento mesmo só existe quando é completo; quando deixa de ser uma luta pela sobrevivência, como a nossa, e passa a ser um viver em verdade, harmonia e alegria

Para vocês, "primitivo" é atrasado; para nós, quanto mais primitivo for o conhecimento mais avançado ele é. Por exemplo, se nós vivemos 5.000 anos é porque tínhamos uma sabedoria tradicional modelo, vivemos sem ter fome, sem ter pobres, sem ter injustiça, sem violência... Hoje existem guerras onde morrem crianças. Nós tínhamos lutas que tinham um critério. Hoje se busca extinguir uma raça, comprometendo o futuro. Nós não obrigávamos a outra cultura a crer num outro Deus.

NHENETY

Ser índio e sofre os  
preconceitos e saber superá-  
los. existe pessoas que  
nos trata como animais  
não respeitando nossos costumes  
tentando invadir nossa privacidade

Nos da aldeia Kariri Xóó  
queremos trabalhar em  
resgate e preservação dos  
nossos costumes.

Nos somos índio e temos  
orgulho de ser

Nós índios respeitamos nossos  
idosos ouvimos e aprendemos  
com eles. porque eles tem a  
sabedoria dos nossos antepassados  
hoje somos alunos um dia  
seremos professores para  
os jovens indígenas  
Suíra

Ser índio e Conviver  
com a natureza nos somos  
a natureza e a natureza  
é agente  
Suíra



## O FOGO

Tem branco que gosta de a gente e tem outros que nao. Tem fazendeiros que querem nos prejudicar. Em fevereiro , agora 2001, nosso mato pegou fogo, eu não sei se foram os branco que botaram fogo, sei que o fogo veio de fora, do cercado deles.

O mato estava queimando, nosso oricuri estava pegando fogo, muito. Tudo mundo caiu dentro, era mulher, era homem, era menino, pegando água, com ramas mas não apagava.

Era muita reza, porque nos temos nossa religião, então muitos homens entraram no fogo, dentro mesmo, também meninos entraram. Sairam pretos como carvão, pingando suor, muito cansado mas apagarão o fogo. Eu não posso dizer muito, nao posso lhes dizer como, porque é nosso secreto, mas eles entraram dentro mesmo e apagaram porque Deus é bom.

Dona CHICA







Algumas pessoas me perguntam por que trabalho com índios. Acredito que no estado atual da “evolução” de nosso mundo “civilizado” é preciso reorientar-nos. A busca desesperada pela matéria, a ciência como única verdade, tem nos deixado longe de nossa missão na terra: ser felizes!

Nos últimos tempos a competição entre as pessoas, achando-nos um melhor que outro, tem acabado por nos separar, dizimando as famílias, distanciando os amigos, colocando fronteiras políticas, econômicas, sociais, religiosas... Toda e qualquer diferença tem separado o homem de seu irmão, de si próprio, da Natureza e de Deus.

Mais hoje ainda há “civilizações” onde se evoluiu para a consciência de que cada um de nós forma parte de um todo e tem uma função dentro de um grande espírito. Onde entre os homens reina a solidariedade e a cooperação, onde o cuidado pela natureza faz parte diária do cuidado por si mesmo, onde existe um equilíbrio em Deus.

A diferença que fazemos entre culturas mais primitivas ou menos desenvolvidas são conceitos para pôr em teia de juízo. E embora haja uma força querendo subjugar o índio, há também uma sabedoria contrária que nos mostra a sua importância, e o seu auxílio para com a realidade. Há uma energia disposta a se enriquecer com as diferenças, a transcender as cores da superfície chegando ao arco-íris interno.

Trabalho com índios porque com eles aprendo a somar, a respeitar e a simplicidade de ser feliz!

A primeira vez que fui na aldeia Kariri-Xocó fiquei surpreso pela tranquilidade e segurança, o clima de família se instalou como meu paraíso e até hoje existe o sentimento e a relação...

Agradecido,

Sebastián Gerlic



Sou amante do sol  
Sou filho da terra  
Sou soberano dos ares  
Brilhante como uma luz

Eu surjo das águas  
Eu corro nas matas  
Vivo cheio de graça  
Meu Deus me conduz

Tenho o instinto da Águia  
Vejo além do infinito  
Percebo a intenção do inimigo  
Antes dele atacar

Represento a força. A luta  
E a garra de um povo  
Uma tribo que pede socorro  
Para não se acabar

Eu sou Guerreiro da Águia  
Estou em todo lugar

Letra e Música: Wakay Memboré Águia  
Dourada

#### Águia Dourada - Organização Multicultural Indígena do Nordeste

Com a busca do resgate, a defesa e preservação da nossa cultura e tradição, estamos conscientizando sobre a realidade presente dos povos indígenas que hoje sofre e luta para sobreviver.

Desde 1997 a Águia Dourada apresenta palestras, danças e fogueiras sagradas em escolas públicas e privadas, universidade e espaços culturais com o objetivo de melhorar todas as relações.

Este livro foi realizado especialmente por jovens Kariri-Xocó: Maí, Yaní, Swyrany Ronaldo, Everton, Vinvin, Gê, Yetçamy, Nado, Raõny, Gleise, Aramilson, Ruina, Tawanã, Regiane, Karem, Ytawyrany, Rana, Sandra, Kaway, Eberú, Erytoá, Tibiriçá, Salmã, Kyoni, Lenhõ, Wakay,

Agradecemos também a colaboração do: Pajé Suira, Nhenety, Suirã, Dona Chica, Ayrã e todos os índios Kariri-Xocó.

Morgana, Publivendas, Rotary Club Aratu, Ana Paula Lima, Gráfica Santa Helena, Iraci e Eliete Correia.

Patrocínio do Bompreço, utilizando os benefícios do Programa Estadual de Incentivo à Cultura - Fazcultura do Governo do Estado da Bahia.  
Lei nº 7015/96 - Salvador - Bahia - 1999

Este livro vale porque as pessoas sabendo da vida do índio vão ficar interessadas e vão querer ajudar, eles vão se interessar porque eles vão parar e pensar na vida, observando nossa vida. Se nos conhecem mais vão passar a respeitar mais nosso conhecimento e parar com o preconceito.



Toda a receita da venda deste livro será revertida em benefício das comunidades indígenas.

Patrocínio:



Apoio:

